

Referência Indireta e Humanidade - 02/06/2022

Me parece sobremaneira interessante fazer um recorte da chamada teoria da referência indireta, como a nós pareceu. Vejamos: há um nome, talvez uma expressão ou proposição, ou seja, um recurso linguístico que tem um sentido antes de ter uma referência. Mais do que isso, o sentido é mister, é mais do que a referência e pode até dela prescindir.

Por exemplo, tomemos a frase: “Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá”. A semântica fregeana se perguntaria pelo sentido dela e não pela referência, isto é, se há palmeiras e se nela existem sabiás que cantam. Se eu digo: “Superman!!”, o que quero dizer? Ao analisar esse nome, “Superman”, eu penso no Superman em si ou no homem que vai me salvar? Ou no homem que usa uma capa vermelha? Engano, não é um homem, pois veio de outra planeta...

Parece óbvio, não é? Há tantos sentidos e há uma referência, mas quantas e repetidas vezes vivemos do sentido? Esquecemos completamente a referência e tratamos do sentido que a ela queremos dar. Diz a mãe: “Ah, meu menino...”, ao que o outro responde: “Que menino o que boba, já passou dos 30!”. Vê? São sentidos bem diferentes. Quem tem razão? Basta olhar para a referência? Certamente não. Então? Há o impasse e, daí, o diálogo.

* * * * *

As notícias recentes me fizeram pensar sobre a expressão: “crime contra a humanidade”. Ela se refere a agentes da Polícia Rodoviária Federal que assassinaram Genivaldo em Sergipe, em Umbaúba, semana passada. Os policiais assassinos executaram esse cidadão pela tortura: espancamento e câmara de gás. Tortura é um crime contra a humanidade. Mas o atual presidente é um genocida, e também cometeu crime contra a humanidade durante toda a pandemia, reiteradamente.

Humanidade... Humanidade que é o que eu tenho, você tem. Humanidade que é muita gente ou toda a gente do planeta. O crime de tortura que as polícias brasileiras praticam, e agora com maior complacência, é um crime contra a humanidade de uma pessoa. Quando você tortura uma pessoa, ela deixa de ser humana. O genocídio que o atual presidente cometeu na pandemia, e que ainda quer cometer, visa pobres, minorias, indígenas, etc., é um crime que coloca em risco a humanidade como um todo, se a moda pega.

Nesse "sentido", não importa a referência, o que importa é o sentido mesmo:

fascismo.

PS.: inspiração oriunda dos vídeos de Ruffino sobre Frege e tristemente ancorada na tragédia brasileira.